Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A Produção Social do Conhecimento na Hiper-midiatização: Mediações Estéticas e Visibilidade Decolonial do Largo da Prainha no Instagram[1]

The Social Production of Knowledge in the Context of Hypermediatization: Aesthetic Mediations and Decolonial Visibility of Largo da Prainha on Instagram

Manoelli Fabíola dos Santos Bezerra

Palavras-chave: Instagram; Visibilidade Decolonial; hiper-midiatização.

Introdução

A comunicação contemporânea é profundamente marcada pelos processos de hiper-midiatização, nos quais as plataformas digitais assumem papel central na produção, circulação e legitimação de conhecimentos. Nesse contexto, o Instagram ultrapassa sua função inicial de rede social voltada ao compartilhamento de imagens e interações, consolidando-se como um dispositivo sociotécnico capaz de produzir visibilidades, construir memórias e atribuir sentidos aos territórios. Conforme Martín-Barbero (1997), a comunicação deve ser compreendida a partir das mediações culturais que articulam práticas sociais, tecnologias e processos de significação. Dessa forma, as plataformas digitais configuram-se como espaços nos quais memória, identidade e

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

tecnicidade se entrelaçam, reconfigurando as formas de produção social do conhecimento.

No contexto da cultura digital, a presença da Pequena África nas redes sociais amplia significativamente sua capacidade de circulação simbólica, permitindo que narrativas relacionadas à ancestralidade, à resistência e à cultura afro-brasileira ultrapassem os limites físicos do território. Expressa pelo cantor e compositor Heitor dos Prazeres, e a região é composta pelas seguintes localidades: Pedra do Sal, Zona Portuária, Cidade Nova, Gamboa e Saúde. Podemos destacar quatro lugares importantes que contam a história dessa região: o Cais do Valongo, o Cemitério dos Pretos Novos, a Praça dos Estivadores, e a Pedra do Sal (Corrêa, 2016). O Cais do Valongo destacou-se como um dos principais centros de comércio de escravizados nas Américas, atuando por cerca de duzentos anos e recebendo milhares de pessoas trazidas da África, especialmente de áreas ligadas às rotas comerciais atlânticas, como Angola e São Tomé, de acordo com Gomes (2017).

No século XIX, a região expandiu-se a partir do aumento de frequentadores e de moradores na região da Pedra do Sal, assim, novas ruas foram abertas, inclusive a Rua Nova de São Francisco da Prainha (parte da atual Rua Sacadura Cabral). As manifestações culturais, principalmente no que se refere ao samba, levou a Pedra do Sal a receber o título de berço do samba. Em 20 de novembro de 1984, Dia da Consciência Negra, o Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural (INEPAC) tombou a Pedra do Sal, um reduto cultural na Região Portuária, onde surgiram os primeiros ranchos carnavalescos, afoxés e rodas de samba, local onde os estivadores do porto se reuniam a partir da segunda metade do século XIX (Dos Santos et al., 2022, p.164). Segundo Moura (1995), a região consolidou-se como um relevante centro de sociabilidade negra após a abolição, reunindo manifestações religiosas, culturais e musicais fundamentais para a constituição da identidade cultural carioca. Para Dos Santos et al. (2022), esses espaços configuram territórios de patrimônio, educação e

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

memória coletiva, essenciais para a preservação de narrativas historicamente invisibilizadas.

Dentro desse cenário, o local tem uma rica história relacionada ao período colonial e à atividade portuária, e enfrentou décadas de negligência e degradação. Seu nome se dá por estar próximo à praia que ali existia antes da construção do Porto do Rio de Janeiro, e por estar próximo à Igreja de São Francisco da Prainha (Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, s.d.). Destaca-se a precursora do samba de roda no Largo da Prainha, Hilária Batista de Almeida, mais conhecida como Tia Ciata. Sua casa ficou conhecida como o primeiro centro cultural do Rio de Janeiro, trazendo reconhecimento cultural para a região da Pequena África. Ressalta-se outras manifestações culturais da região, como o surgimento do bloco carnavalesco Escravos da Mauá e as rodas de jongo, este último, proclamado Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), preservando a cultura afro-brasileira.

> A casa de tia Ciata se torna a capital dessa Pequena África no Rio de Janeiro, seu carisma se somando à ocupação integral de seu marido, permitindo que fosse preservada sua privacidade que se abria para a comunidade. A negra tinha respeitada sua pessoa e inviolabilizada sua casa. Privilégio? Coisa de cidadão que quando preto recebia ou exigia, se estranhava. Na sua casa, capital do pequeno continente de africanos e baianos, se podiam reforçar os valores do grupo, afirmar o seu passado cultural e sua vitalidade criadora recusados pela sociedade (MOURA, 1995, p. 105).

Para Castells (1999), a sociedade em rede e os territórios passam a integrar um "espaço de fluxos", no qual experiências locais podem ser compartilhadas em escala global. Nessa perspectiva, o Instagram atua como um mediador capaz de conectar memórias locais a audiências ampliadas, promovendo novas formas de visibilidade e reconhecimento cultural.

Neste cenário, o presente trabalho tem como objetivo compreender de que maneira o Instagram participa da produção social do conhecimento sobre o Largo de São Francisco da Prainha, contribuindo para a construção de uma visibilidade

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

decolonial por meio da circulação de narrativas relacionadas à memória afro-brasileira, à ancestralidade e à cultura da Pequena África. Busca-se, ainda, compreender como as dinâmicas de hiper-midiatização, as mediações algorítmicas e as práticas comunicacionais em rede colaboram para a valorização cultural e econômica desse território historicamente marcado pela presença negra na cidade do Rio de Janeiro.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, articulando análise de conteúdo digital e observação netnográfica. O corpus é composto por 40 publicações realizadas entre setmbro e novembro de 2025, nos perfis Casa Porto e Largo da Prainha no Instagram, contemplando fotografias, vídeos, reels, legendas, hashtags, comentários e demais elementos de interação presentes na plataforma. A seleção desses perfis justifica-se por sua relevância na divulgação de atividades culturais, patrimoniais e econômicas desenvolvidas no território.

A análise fundamenta-se nos estudos da convergência digital (Jenkins, 2009), das redes sociais (Recuero, 2011) e das mediações algorítmicas (Gillespie, 2018). Jenkins (2009) destaca que a convergência altera as relações entre tecnologias, mercados, indústrias culturais e públicos, favorecendo a construção colaborativa de narrativas em múltiplas plataformas. Recuero (2011) enfatiza que as redes sociais constituem estruturas capazes de potencializar a circulação de informações e fortalecer vínculos sociais. Gillespie (2018), por sua vez, ressalta que os algoritmos influenciam a forma como as pessoas acessam informações, interferindo diretamente nos processos de visibilidade, circulação e reconhecimento dos conteúdos digitais.

Foram observados elementos relacionados à memória afro-brasileira, ancestralidade, manifestações culturais, economia criativa, afroturismo e estratégias de engajamento. A análise buscou compreender como imagens, vídeos, legendas e interações contribuem para a construção de sentidos sobre o Largo da Prainha e para sua inserção na dinâmica comunicacional contemporânea.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Resultados e Discussão

Os resultados evidenciam que o Instagram desempenha um papel relevante na produção social do conhecimento sobre o Largo de São Francisco da Prainha, atuando como mediador entre memória, cultura, território e desenvolvimento local. Os dois perfis analisados apresentam significativo alcance e elevado nível de engajamento, indicando o interesse do público pelas atividades culturais e pelas narrativas associadas ao território. O perfil Casa Porto, por exemplo, reúne mais de 100 mil seguidores e milhares de publicações, demonstrando a capacidade de mobilização e circulação de conteúdos relacionados ao território.

A análise das 40 publicações revelou uma distribuição temática que evidencia as principais estratégias de comunicação adotadas pelos perfis. Das postagens analisadas, 17 abordam temas relacionados à gastronomia e à economia criativa, destacando iniciativas empreendedoras e ações que contribuem para o desenvolvimento econômico local. Outras 13 publicações concentram-se em rodas de samba e eventos culturais, registrando experiências coletivas vivenciadas no território. Já 10 postagens enfatizam a memória afro-brasileira e a ancestralidade, evocando a história da Pequena África e personagens emblemáticos, como Tia Ciata.

Os dados revelam a forte presença de referências à Pequena África, às rodas de samba, à religiosidade afro-brasileira, ao afroturismo e a manifestações culturais que reforçam a identidade negra da região. Observou-se que as imagens compartilhadas constituem uma verdadeira estética da resistência, marcada pela valorização de registros espontâneos produzidos por smartphones e difundidos por meio de reels, stories e fotografias. Essa dinâmica dialoga com o que Reis, Thomé e Piccinin (2021) definem como estética amadora, caracterizada pela valorização do cotidiano e pela aproximação entre produtores e públicos.

A verticalidade dos vídeos, típica dos dispositivos móveis, evidencia cenas orgânicas das rodas de samba, dos encontros culturais e das celebrações religiosas, sem

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

o tratamento visual convencional das campanhas publicitárias. Murais de grafite, casarios históricos, celebrações religiosas, rodas de samba e manifestações culturais aparecem de forma recorrente, funcionando como elementos centrais na construção visual e simbólica do território. As postagens revelam ainda diversidade temática, contemplando desde programações culturais semanais até celebrações como o Dia de Iemanjá e o Dia de São Jorge.

Além da dimensão estética, as publicações articulam cultura, memória e pertencimento. As legendas evocam religiosidade de matriz africana, culinária afro-brasileira, memória coletiva e resistência histórica, reforçando valores associados à ancestralidade. O uso estratégico de hashtags, geolocalização, marcações colaborativas e repostagens amplia significativamente o alcance dos conteúdos, fortalecendo a circulação das narrativas e potencializando o engajamento dos usuários. Muitas das publicações analisadas ultrapassam mil curtidas e acumulam dezenas de comentários, demonstrando a participação ativa do público na construção dos sentidos atribuídos ao território.

Conforme argumenta Thompson (1998), as tecnologias de comunicação promovem uma disjunção entre espaço e tempo, permitindo que conteúdos simbólicos circulem para além dos limites geográficos de sua produção. Assim, práticas culturais locais passam a ser acompanhadas e apropriadas por públicos que não possuem vínculo territorial direto com a região. Nesse sentido, o Instagram amplia a visibilidade da Pequena África e fortalece sua inserção em circuitos culturais, turísticos e econômicos mais amplos.

Os resultados indicam ainda que o Instagram funciona como um arquivo vivo da memória afro-brasileira. As postagens registram e atualizam narrativas historicamente marginalizadas, contribuindo para sua preservação e difusão. Em consonância com hooks (2019), as representações presentes nesses conteúdos configuram espaços de disputa simbólica capazes de confrontar processos históricos de invisibilização da população negra na cidade do Rio de Janeiro. A plataforma favorece, assim, a

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

construção de uma visibilidade decolonial baseada no reconhecimento dos saberes produzidos pelos próprios sujeitos do território.



Figura 1 – Registro publicado no Instagram sobre o evento cultural de 7 de setembro no Largo de São Francisco da Prainha

Fonte: @largodaprainha. Publicado em: 07 set. 2025. Captura de tela realizada pela autora. Acesso em: 08 nov. 2025.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Considerações Finais

A análise dos perfis dedicados ao Largo de São Francisco da Prainha evidencia que o Instagram atua como um importante espaço de mediação cultural, preservação da memória e produção social do conhecimento. Mais do que uma ferramenta de divulgação, a plataforma configura-se como um ambiente de construção de sentidos, no qual cultura, identidade, memória e desenvolvimento local se articulam continuamente.
A convergência digital manifesta-se na multiplicidade de formatos utilizados, fotografias, reels, stories e transmissões ao vivo, que transformam experiências presenciais em conteúdos acessíveis a audiências ampliadas. Essa dinâmica conecta o local ao global, possibilitando que narrativas relacionadas à Pequena África e à cultura afro-brasileira circulem para além das fronteiras territoriais, fortalecendo processos de reconhecimento, pertencimento e valorização cultural.

Ao mesmo tempo, as mediações algorítmicas e o uso estratégico de hashtags, como #LargodaPrainha, #PequenaÁfrica e #Samba, desempenham papel central na construção da visibilidade digital. A circulação dos conteúdos depende das lógicas de plataformização, evidenciando tanto oportunidades quanto desafios para a preservação e valorização das narrativas culturais. Nesse contexto, torna-se fundamental desenvolver estratégias digitais capazes de assegurar a autenticidade, a representatividade e a continuidade da memória afro-brasileira no ambiente das redes sociais.

Conclui-se que o Instagram contribui para a consolidação do Largo de São Francisco da Prainha como um território comunicacional de resistência, pertencimento e produção de conhecimento. Ao fortalecer a circulação de narrativas sobre ancestralidade, patrimônio e cultura afro-brasileira, a plataforma amplia a visibilidade simbólica do território e favorece processos de desenvolvimento cultural e econômico associados à economia criativa e ao afroturismo. Dessa forma, o estudo contribui para compreender as relações entre cultura, comunicação e tecnologias digitais, evidenciando o papel das plataformas na valorização e preservação de patrimônios culturais historicamente invisibilizados.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORRÊA, M. L. **Quilombo Pedra do Sal. Belo Horizonte**: FAFICH, 2016. Disponível em:https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/pedra_do_sal.pdf. Acesso em: 15 mar. 2026

DOS SANTOS, Rafael Eustáquio et al. **Territórios Negros: patrimônio e educação na Pequena África**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Revista Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares**. Volume 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS. **Largo de São Francisco da Prainha [s.d.]**. Disponível em: https://pretosnovos.com.br/2021/07/24/largo-de-sao-francisco-da-prainha/. Acesso em: 15 abril. 2026.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1995.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REIS, Marco Aurélio; THOMÉ, Cláudia; PICCININ, Fabiana. Verticalização no jornalismo audiovisual: possibilidades narrativas para os direitos humanos. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). **Teorias do telejornalismo como direito humano**. Florianópolis: Insular, 2021. p. 165-182.

THOMPSON, John B. **Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.